

Experiências de vida e o trauma no conteúdo da audição de vozes

Life experiences and trauma in the content of hearing voices

Experiencias de vida y trauma en el contenido de escuchar voces

Recebido: 23/08/2021 | Revisado: 02/09/2021 | Aceito: 06/09/2021 | Publicado: 07/09/2021

Thylia Teixeira Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7086-0853>
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
E-mail: thyliatsouza@gmail.com

Luciane Prado Kantorski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9726-3162>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: kantorskiluciane@gmail.com

Liamara Denise Ubessi

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5884-9969>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: liubessi@gmail.com

Roberta Antunes Machado

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9087-6457>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Brasil
E-mail: roberta.machado@riogrande.ifrs.edu.br

Milena Hohmann Antonacci

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8365-9318>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: mhantonacci@gmail.com

Carmen Terezinha Leal Argiles

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4036-9553>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: carmen_argiles@yahoo.com.br

Janaina Quinzen Willrich

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7427-9305>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: janainaqwill@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo teve como objetivo discutir a relação das experiências de vida e do trauma com a audição de vozes, e o conteúdo relacionado a ambos. Estudo de caráter qualitativo, realizado com 12 participantes de um Grupo Virtual de Auto Mútua Ajuda no período de setembro a outubro de 2020. Utilizou-se da análise temática de Minayo para a interpretação das entrevistas, que resultou em duas categorias: (a) experiências de vida e traumas relacionados ao fenômeno de ouvir vozes e (b) conteúdo das vozes e sua relação com o trauma. Nesta pesquisa, os participantes relataram diversos eventos/situações de vida que tiveram relação com a sua experiência de audição de vozes, como abuso sexual, mudança de residência, violência institucional, assédio, conflitos familiares, relacionamento abusivo e bullying. Situações de vida traumáticas como as relatadas pelos participantes, as quais são muitas vezes evitadas, reprimidas subjetivamente, tendem a retornar como manifestações do inconsciente, seja nos sonhos, chistes, atos falhos, ou como vozes. Este estudo identificou que as vozes ouvidas pelas/os participantes são reflexo de emoções e sentimentos que ficaram latentes. Desse modo, mostra-se necessário a mudança de perspectiva sobre o condicionamento patológico despendido a essa experiência, de maneira a considerar as situações e traumas vivenciados, e proporcionar um enfrentamento positivo na relação com as vozes. Ressalta-se a carência de estudos que reflitam sobre a necessidade de explorar a história de vida destes ouvidores e as relações do trauma com a experiência de ouvir vozes.

Palavras-chave: Saúde mental; Trauma psicológico; Alucinações; Enfermagem; Ouvir vozes.

Abstract

This article aimed to discuss the relationship of life experiences and trauma with hearing voices, and the content related to both. A qualitative study was carried out with 12 participants of a Virtual Self Help Group, from September to October 2020. Minayo's thematic analysis was used to interpret the interviews, which resulted in two categories: (a) experiences of life and traumas related to the phenomenon of hearing voices and (b) content of voices and their relationship with trauma. Participants reported several events/situations in their lives that were related to their experience of hearing voices, such as sexual abuse, change of residence, institutional violence, harassment, family conflicts, abusive relationships, and bullying. Traumatic life situations, which are often avoided, subjectively

repressed, tend to return as manifestations of the unconscious, whether in dreams, jokes, wrongdoings or as voices. This study identified that the voices heard by the participants are a reflection of emotions and feelings that remained latent. Thus, it is necessary to change the perspective on the pathological conditioning expended on this experience, to consider the situations and traumas experienced, in order to provide positive coping in the relationship with the voices. It is noteworthy the lack of studies that reflect on the need to explore the life history of these listeners and the relationship between trauma and the experience of hearing voices.

Keywords: Mental health; Psychological trauma; Hallucinations; Nursing; Hear voices.

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo discutir la relación de las experiencias de vida y el trauma con escuchar voces, y el contenido relacionado con ellos. Estudio cualitativo, realizado con 12 participantes de un Grupo virtual de ayuda mutua, de septiembre a octubre de 2020. Para interpretar las entrevistas, se utilizó el análisis temático de Minayo, que resultó en dos categorías: (a) experiencias de vida y traumas relacionados con el fenómeno de escuchar voces y (b) el contenido de las voces y su relación con el trauma. En esta investigación, los participantes informaron varios eventos/situaciones en sus vidas que estaban relacionados con su experiencia de escuchar voces, como abuso sexual, cambio de residencia, violencia institucional, acoso, conflictos familiares, relaciones abusivas y bullying. Las situaciones traumáticas de la vida que, muchas veces son evitadas y reprimidas subjetivamente, tienden a volver como manifestaciones del inconsciente, ya sea en sueños, bromas, fechorías o como voces. Este estudio identificó que las voces escuchadas por los participantes son un reflejo de emociones y sentimientos que permanecieron latentes. Por tanto, es necesario cambiar la perspectiva sobre el condicionamiento patológico desplegado en esta experiencia, para considerar las situaciones y traumas vividos, a fin de proporcionar un afrontamiento positivo en la relación con las voces. Es de destacar la falta de estudios que reflexionen sobre la necesidad de explorar la historia de vida de estos oyentes y la relación entre el trauma y la experiencia de escuchar voces.

Palabras clave: Salud mental; Trauma psicológico; Alucinaciones; Enfermería; Escuchar voces.

1. Introdução

A experiência de ouvir vozes que outras pessoas não ouvem, acompanha a história da humanidade e deste modo, recebe diferentes significados e sentidos. Na Idade Moderna essa experiência passa a ter um significado baseado em aspectos biológicos, demarcando-a como uma experiência alucinatoria indicativa de adoecimento mental (Fernandes, Zanello, 2018). E assim, foram criadas teorias e estudos, que fortaleceram a patologização desta experiência e contribuíram para a estigmatização do indivíduo que ouve vozes pela sociedade e como consequência, a sua rotulação e exclusão social.

Em 1987, na Holanda, nasce o Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (MIOV), que entende as vozes como parte da singularidade de cada pessoa, ao mostrar que se trata de uma manifestação da subjetividade, real para quem a vive. No Brasil, o Movimento vem sendo disseminado e compreendido a partir de 2014/2015, mediante a implementação de alguns grupos de ouvidores de vozes nas cidades do Rio de Janeiro (RJ) e em Campinas (SP). No entanto, a sua oficialização ocorreu somente em 2017 no I Congresso Brasileiro de Ouvidores de Vozes (Cardano, 2018).

Desse modo, é inserido no país uma perspectiva alternativa ao saber hegemônico sobre este fenômeno, a partir de uma compreensão que valoriza essa experiência com base na narrativa e na história de vida dos sujeitos que a experienciam. Para diversas pessoas, a audição de vozes é uma experiência positiva, acolhedora e por este motivo nunca necessitaram ingressar em um serviço de saúde mental, outras, porém, sofrem com a experiência e tendem a acessar os serviços de saúde mental na busca de tratamento (Baker, 2019; Intervoice; 2020).

Pesquisas apontam que a experiência de ouvir vozes pode estar relacionada com o trauma, resultante de abuso sexual, negligência emocional, violência física, altos níveis de estresse, dentre outros (Romme et al., 2009; Corstens; Longden, 2013; Luhrmann *et al.*, 2019). Freud, em seus escritos, apresenta que o trauma está associado a um rompimento de uma estrutura de defesa psíquica de forma súbita e inesperada, que pode interferir na organização psíquica. Contudo, o resultado não é o fator externo da experiência vivenciada, mas sim o afeto envolvido nesta situação que ocasiona o que denomina de trauma psíquico. Assim, a forma de manifestação desse acontecimento e os conteúdos ligados a este trauma, ocorre de modo inconsciente por meio de associações (Freud, 1915/1916), que muitas vezes podem ser acessíveis à consciência como no caso das vozes.

Desse modo, as vozes podem ser uma forma de expressão de eventos estressores atravessados na história de vida das

peças que ouvem vozes, como efeito de elaboração inconsciente destas emoções. Em vista disso, este artigo tem o objetivo de discutir a relação das experiências de vida e do trauma com a audição de vozes, e o conteúdo relacionado a ambos.

2. Metodologia

Pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória a fim de compreender a relação da audição de vozes com o trauma presente nas experiências de vida de pessoas que ouvem vozes. Apresenta um recorte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada ‘Experiências de vida na audição de vozes: o trauma e o novo contexto da pandemia de COVID-19’, que é desdobramento da pesquisa maior ‘Ouidores de vozes - novas abordagens em saúde mental’, que obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas sob o parecer nº 2.201.138 do ano de 2017.

O estudo foi realizado em um Grupo de Auto Mútua Ajuda virtual denominado ‘AMA Ouidor/a’. A coleta de dados ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2020, nos quais o grupo continha o total de 93 integrantes, com a participação média de 15 participantes a cada encontro. A plataforma utilizada para o desenvolvimento do grupo é o *WhatsApp*, com periodicidade semanal e duração de uma hora. Por ser um grupo virtual, o mesmo abrange pessoas de diversos estados do Brasil e de outros países, como da Europa. Além disso, não se restringe apenas às pessoas que ouvem vozes, pois participam pessoas que não ouvem vozes, mas tem interesse particular ou profissional sobre a experiência, sobre o Movimento Internacional de Ouidores de Vozes, como também, pela funcionalidade dos grupos de ouidores/as de vozes e de mútua ajuda.

O grupo configura-se como um espaço de compartilhamento de experiências, apoio e escuta, o que facilita o processo de enfrentamento e compreensão da experiência de ouvir vozes. Criado no contexto da pandemia da COVID-19, também possibilitou que suas/seus integrantes expressassem seus sentimentos advindos da conjuntura atual.

Antes de realizar o convite aos participantes, foi feito contato com uma das moderadoras do grupo e posteriormente, reunião por videoconferência pela plataforma *Jitsi Meet* com todas as nove moderadoras do mesmo para apresentação da pesquisa. O convite aos entrevistados se deu por meio da participação e divulgação no grupo AMA Ouidor/a e conforme manifestação dos interessados, realizado contato privado pela plataforma de *WhatsApp* para marcação da data e horário de disponibilidade do participante, bem como a plataforma que lhe fosse mais conveniente para fazer a entrevista. No dia da realização da mesma, foi enviado aos participantes um formulário online pelo *Google Forms* para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa.

Na seleção dos participantes, foram utilizados como critérios de inclusão possuir mais de 18 anos; participar do Grupo de Auto Mútua Ajuda Virtual de *WhatsApp* AMA Ouidor/a e ter alguma experiência de vida relacionada à audição de vozes. Como critério de exclusão, não demonstrar condições emocionais e cognitivas para responder a entrevista. No período em que foi realizado o estudo, não houveram recusas e nem excluídos pelos critérios da pesquisa. Os participantes manifestaram interesse no grupo virtual, e desse modo foram contatados para as entrevistas, pois todos enquadravam-se nos critérios propostos.

Foram realizadas 12 entrevistas com as pessoas que ouvem vozes que demonstraram interesse em participar da pesquisa, por meio do convite no grupo. As entrevistas foram realizadas por uma das autoras deste estudo, pelas plataformas *Skype*, *Google Meet* e *Zoom*, nas quais tiveram tempo médio de 40 minutos. Além disso, também foram gravados os áudios pelo gravador de um smartphone para melhor garantia dos dados obtidos. Após, as entrevistas foram transcritas na íntegra para o documento em formato word. O conteúdo obtido por meio das entrevistas foi satisfatório para os objetivos propostos por esta pesquisa. As gravações e transcrições ficaram disponíveis para acesso caso fosse desejo dos participantes.

A entrevista teve como questão central: “Fale de sua vida a partir do momento que você quiser”. E a partir desta

pergunta, foram realizadas outras de acordo com as narrativas dos entrevistados, a fim de abarcar os tópicos sobre o início da experiência de audição de vozes; traumas vivenciados pelo ouvidor e sua relação com a experiência de ouvir vozes; e o conteúdo das vozes relacionados ao trauma. Durante o desenvolvimento das entrevistas, foi realizada a pergunta central e após, deteve-se apenas nas narrativas dos participantes e conteúdo apresentados pelos mesmos, na condução dos demais questionamentos pertinentes. Desse modo, evitando qualquer produção de viés ou influência sobre a perspectiva trabalhada na pesquisa.

Entre as pessoas que ouvem vozes que participaram do estudo, dez eram mulheres e dois eram homens com idades entre 21 e 51 anos. Na religião e/ou práticas religiosas, foram citados o catolicismo, xamanismo, umbanda, espírita, candomblecista, e outros não fizeram referência a nenhuma crença. Dos 12 participantes, cinco já frequentam ou frequentaram algum serviço de saúde mental e dois foram internados, sendo uma internação em hospital psiquiátrico e outro internação domiciliar.

Em relação à localidade, oito eram do estado do Rio Grande do Sul, dois do estado de Minas Gerais, um do Rio Grande do Norte e um do Rio de Janeiro, mas atualmente vivendo na Holanda. As ocupações dos participantes foram estudantes de graduação e pós-graduação, servidores públicos, técnico(a) em enfermagem, psicólogo(a), jornalista e beneficiário(a) do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Foi realizada a leitura exaustiva do material obtido, por meio da análise temática, que consistiu no mapeamento dos dados obtidos, na classificação dos mesmos e elaboração de categorias específicas (Minayo, 2014). Nesta pesquisa, foram respeitados todos os preceitos éticos que compõem a Resolução nº 466/2012 e a Resolução nº 510/2016, que versa sobre as pesquisas desenvolvidas com seres humanos (Brasil, 2012; Brasil, 2016). Para a identificação dos participantes, foi solicitado que escolhessem o nome pelo qual gostariam de ser denominados, a fim de preservar a identidade.

Para apresentação dos resultados, foram elencados dois temas: experiências de vida e traumas relacionados ao fenômeno de ouvir vozes e conteúdo das vozes e sua relação com o trauma.

3. Resultados e Discussão

Experiências de vida e traumas relacionados ao fenômeno de ouvir vozes

De acordo com o Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (MIOV), ouvir vozes - que outras pessoas não ouvem - faz parte da experiência humana, ou seja, está diretamente relacionada com as experiências de vida das ouvadoras/es de vozes e ao contexto cultural dentro do qual ela é vivenciada (Romme, Escher, 1997).

Experiências de vida traumáticas, como situações de violências (física, sexual, emocional, entre outras) podem contribuir para o surgimento da audição de vozes, contudo, destaca-se que a audição de vozes nem sempre é desencadeada por um trauma, assim como, nem toda experiência traumática produz a audição de vozes. Nesta pesquisa, os participantes relataram diversos eventos/situações de vida que tiveram relação com a sua experiência de audição de vozes, como abuso sexual, mudança de residência, violência institucional, assédio, conflitos familiares, relacionamento abusivo e bullying.

Teve estupro na família, teve separações geral, até hoje ninguém conversa com ninguém tem 20 anos, então foi bem, câncer da minha vó, foi tudo bem 'pam'. (Teluba)

Um estudo com 70 mulheres sobre a relação dos eventos traumáticos com a audição de vozes, observou que 88,4% do total vivenciou dois ou mais traumas, e destes, 28,6% eram assédio sexual. Concluindo que as mulheres são mais vulneráveis à exposição de situação de violência física, sexual e emocional (Yildirim et al., 2014).

Nesta pesquisa, os resultados mostraram que outros tipos de violência, tais como moral e psicológica estão presentes

nas experiências de vida das participantes, como pode ser observado nos relatos de Kari, Anahí e Florência:

O impacto que foi uma operação policial dentro da câmara [municipal], e essa operação começou a aparecer, muitas coisas, criminalidades de crimes de políticos, e eu estava vendo tudo isso, só que eu tava vendo num papel bem difícil, onde eu via acontecendo e eu tinha que proteger a câmara e a ao mesmo tempo eu tinha que dar satisfação ao ministério público, nessa situação eu me vi numa situação de ameaça, por parte desses políticos e realmente eu comecei a desencadear problemas que me levaram a ter, a ficar bastante nervosa, ansiosa, e aí o pai da minha filha, levou a minha filha de mim [...] depois disso eu comecei a entrar, eu tava num outro relacionamento e o relacionamento não era legal, era tóxico e eu acabei sendo internada no meio dessa situação. (Kari)

Foi uma infância relativamente tranquila, cresci no meio rural, era um outro contexto de vida. Mas eu tinha um desejo, muito forte de estudar e enfim botar o pé para fora, do território protegido que era o ambiente da zona rural. Foi uma série de resistências porque uma mulher, na minha época, isso não era comum, então eu taxada de 'vagabunda', de coisas assim. Uma mulher lá da roça, saía para estudar, só pode ser uma prostituta ou coisa do gênero né, então fui sofrendo vários preconceitos, vários assédios... E também nos lugares aonde eu fui morando, foram lugares assim, de algum modo difíceis, porque eu era uma adolescente. (Anahí)

Sobre a experiência...um primeiro momento que eu percebi, realmente, eu realmente eu não dava conta do meu corpo e das minhas atitudes, sabe quando eu perdi uma conexão que foi quando eu cheguei aqui em Pelotas que é uma cidade onde eu não conheço ninguém e eu me sentia muito sozinha [...] eu vivenciei uma violência institucional muito grande e que a partir daí eu vi que não tinha domínio sobre mim mesma, sobre o meu corpo, sobre os meus pensamentos sabe sobre o que eu tava vivendo, não conseguia compreender e aquilo me gerava muito sofrimento e eu projetava em outras coisas sem me dar conta que era isso, que era eu precisar dar conta de entender a minha experiência com as vozes. (Florência)

Os relatos das entrevistadas, em grande parte de violência, marcaram suas vidas. Como o relato da entrevistada Kari, manifestando as diversas situações ocorridas em sua vida, como ameaças no ambiente de trabalho, sua primogênita ter sido retirada de forma atroz do seu lar sem o devido processo judicial de guarda e a vivência de um relacionamento abusivo. E como consequência dos sentimentos desencadeados por estes acontecimentos, a internação psiquiátrica. Situações de violência resultam em repercussões psíquicas traumáticas, sendo a audição de vozes uma possibilidade. Dessa forma, é importante que esse fenômeno seja compreendido como uma resposta comum a possíveis eventos traumáticos que podem acontecer na vida e não exclusivamente como um sintoma de transtorno mental, como reforça o saber psiquiátrico.

Um estudo realizado com 100 participantes nas regiões da Europa Ocidental, Oceania e África Central, constatou que 87% da amostra havia experimentado adversidades sociais e interpessoais como conflitos familiares e abuso sexual antes do início da sua experiência de ouvir vozes. E deste total, 89% enfrentou eventos estressores diversos em algum momento da sua vida (Corstens, Longden, 2013). Ainda, outros estudos evidenciaram a forte relação das experiências e situações de vida que geraram impactos nas pessoas que ouvem vozes, podendo ser um trauma recente ou de infância e serviram como gatilhos para o início de suas vozes (Nierop et al., 2014; Perona-Garcelán et al., 2014; Rosen et al., 2017; Baker, 2019).

Eu sempre tive uma infância uma vida muito sofrida assim, de ter briga assim muito rotineiramente eu ficava muito, sempre com o psicológico muito abalado todo o tempo né [...] quando eu era criança eu ficava muito mais com a minha mãe porque meu pai ele trabalhava, sempre que podia ele tava junto né mas eles tavam assim sempre brigando

[...] eu e meu irmão a gente começou a sofrer muito bullying na escola a gente não tinha um minuto de paz [...] me obrigar a comer assim amoras verdes, frutas verdes, me deixavam presa no banheiro, pegavam as coisas assim de algum colega e falavam que tinha sido eu que tinha roubado. (Alice)

Eu me achava muito estranha, porque desde pequena eu sempre vi e escutei né, a minha relação com as vozes ela é muito intensa, então eu digo que a minha cabeça é um turbilhão e eu hoje com os meus 47 anos eu não consigo me entender, eu consigo conviver comigo entendeu, com essa agonia, com essa dor eu digo, quando eu digo que tenho dor na alma a maioria das pessoas não entendem, como é que a alma tem dor? Mas a minha eu sinto dor, a dor que eu me refiro é essa angústia que eu tenho né. [...] ai eu tive 3 filhas, sendo que uma das minhas filhas também tem a mesma coisa, ouvir vozes, só que com ela foi muito diferente, ela foi sofrimento que até hoje trás sequelas pra ela [...] e eu vou saber lidar com isso pra ajudar ela, só que não foi bem assim, a dela, as vozes que ficavam na volta dela, eram muito agressivas. (Determinação)

Na perspectiva freudiana, o trauma ocorre na condição de dois acontecimentos que são separados pelo tempo. Em que no primeiro momento, acontece de fato uma vivência (real ou imaginária), mas é experienciada como uma energia que não consegue ser descarregada; e num momento seguinte, tem a segunda vivência que é associada a uma emoção. Esta segunda experiência é associada à primeira, ressignificando este acontecimento, dando à primeira vivência um caráter traumático (Fulgencio, 2004).

As situações de vida/traumas relatados pelos entrevistados, que muitas vezes são evitadas, reprimidas subjetivamente, tendem a retornar como manifestações do inconsciente, seja nos sonhos, chistes, atos falhos, ou como vozes (Freud, 1923/1925). Também, ao mesmo tempo, na perspectiva freudiana, as vozes, que na sua época histórica também denominada de alucinação, podem participar de um processo de remodelamento subjetivo da realidade, o que se pode associar a relação da pessoa que ouve com essa sua experiência (Freud, 1924; Oliveira, Filho, 2014).

A investigação da história de vida do ouvitor possui uma grande parcela no sentido que este vai atribuir a sua experiência, no modo como ele irá lidar com as suas vozes no percurso de sua vida (Couto; Kantorski, 2018). Uma pesquisa realizada com 21 participantes de Grupos de Ouvidores de Vozes na localidade de Settimo Torinese (Itália), identificou diferentes situações traumáticas originárias da experiência de ouvir vozes e constatou que a maneira como o ouvitor(a) convive com as suas vozes está relacionado a maneira como o mesmo(a) lida com o seu trauma, se esta experiência foi bem elaborada ou não. Além disso, afirma a importância de observar as características positivas e negativas das vozes e como elas podem agregar à vida do ouvitor(a) (Kantorski et al., 2018).

Desse modo, o trauma quando não elaborado, seja consciente ou inconscientemente, transcorre para o não enfrentamento desta situação ameaçadora na vida de uma pessoa, e a repressão destes sentimentos e emoções podem ser expressadas através dos sentidos, dentre estes pela audição de vozes.

Evidencia-se a necessidade da escuta e o diálogo dessas experiências, compreensão destas realidades fornecendo suporte e construção de redes de apoio, principalmente para aqueles que ainda frequentam os serviços de saúde mental. É indispensável no processo de recuperação espaços para a construção de outras relações com as vozes e o trauma. Conhecer as origens das vozes pertence a uma coletânea de vivências e mundos de cada um (Fernandes; Zanello, 2020).

Contudo, a psiquiatria ainda trata a audição de vozes como um tabu, como uma experiência que não merece atenção e ignora o fato das vozes possuírem significados e influências distintas no dia a dia na vida de cada ouvitor(a). Ainda visualiza-se o fenômeno de audição de vozes concebido como descontrole e desrazão, que colabora para a manutenção da estigmatização das pessoas ditas como 'loucos(as)' (Souza; Couto; Kantorski, 2018; Kantorski et al., 2019).

Apesar de muitos estudos relacionar o aparecimento da audição das vozes como resultado de um trauma, cabe destacar que essa compreensão não é a única que vai de encontro ao saber da psiquiatria clássica sobre o fenômeno, uma vez que nem todas as pessoas que ouvem vozes começaram a experienciá-la por intermédio de um trauma. Ao compreender e tratar da experiência da audição de vozes pelo prisma do MIOV, é possibilitado a ouvidora/ouvidor atribuir o sentido que mais lhe parece explicar a sua própria experiência, o que implica na construção de uma diversidade de sentidos possíveis para a experiência, cujo trauma apresenta-se como um sentido possível dentre tantos outros para ressignificar a experiência. Dessa forma, é preciso repensar o motivo pelo qual alguns profissionais da saúde mental ainda hoje, mantêm a hegemonia do discurso psiquiátrico sobre a experiência. Quem ganha e quem perde quando uma experiência humana é rotulada como um sintoma de transtorno mental?

Conteúdo das vozes e sua relação com o trauma

A experiência de ouvir vozes é singular, ou seja, cada pessoa irá vivenciar de uma forma diferente, atribuindo um significado e sentido de acordo com sua história de vida e contexto cultural. Para dar conta de compreender a diversidade de sentidos que podem ser atribuídos a essa experiência, recomenda-se que no diálogo com as pessoas que ouvem vozes seja realizado a topografia das vozes, que é um procedimento que busca explorar as características ou componentes do fenômeno, sendo o conteúdo uma das propriedades a serem avaliadas (Fernandes, Zanillo, 2018).

O conteúdo das vozes está relacionado aos assuntos e às temáticas abordadas pelas vozes, que em geral está associado à história de vida da ouvidoria/ouvidor. Esta variável tem-se mostrado na literatura como a mais relevante quanto às respostas emocionais das pessoas que ouvem vozes a essa experiência, da mesma forma, que influencia a decisão pela procura ou não de tratamento nos serviços de saúde mental, principalmente quando são vozes de conteúdos negativos, depreciativas e de comando (Couto, Kantorski, 2018; Kantorski et al., 2020).

Neste segundo tópico, foram agrupados e selecionados os dados referentes ao conteúdo das vozes, se estas faziam menção às suas vivências marcantes.

Por meio das falas dos(as) entrevistados(as), é possível observar como muitos dos conteúdos das vozes trazem mensagens relacionadas às situações e eventos estressores vivenciados por estes ouvidores(as).

Eu comecei a frequentar o serviço de saúde mental e comecei a ouvir vozes, que me falavam que era pra mim ir pra tal lugar que era pra eu pegar o carro e voltar la pra mim pegar o ônibus que eu dirigia e sair dirigindo por ai a fora, ir pro Brasil a fora ai, que se eu fosse, que eu jogasse um ônibus no precipício, tudo isso as vozes me falavam [...] eu fazia uma linha de ônibus que passava, num local, que chama terceira ponte e la é muito falado por causa do suicídio, por que é muito alto é um ponto alto, é uns 70 metros de altura. [...] então essas vozes as vezes me chamavam pra ir pra lá, mas era devido porque eu também passava muito ali, passava quatro vezes por dia entendeu, passava 20 vezes por semana, então quando essas vozes me chamam muito pra ali e eu teimei com as vozes que eu não iria. (Tafal)

Eu tenho uma relação muito difícil com a minha mãe, é... e a minha mãe ela é uma pessoa muito agressiva, uma pessoa que grita muito, que fala muito alto [...] então eu ficava deitado e ficava ouvindo ela falando no quarto, meio que berrando, discutindo no telefone, que ela ficava o dia inteiro assim [...] então essa coisa de, tipo assim... tem um ruído ali no fundo, uma coisa meio irritadiça que tu não capta direito, você não vê muito significado ali mas você escuta que tem alguém falando ali, e eu pensei assim, que isso talvez tivesse uma relação [...] não era uma coisa episódica assim, era uma coisa diária. (Denis)

Sempre as minhas vozes, quando eu vejo, me trazem alguma coisa... elas me avisaram que eu ia me acidentiar [...] num domingo antes dele falecer, eu vi todo o velório dele, elas passaram o domingo todo falando. (Frida)

As minhas vozes sabe... que elas, venham me avisar de certas coisas que estejam acontecendo ou que vão acontecer e agora na pandemia eu comecei a ouvir muito né... por causa da quantidade de informação que a gente tem... da quantidade de trabalho, a quantidade de horas que a gente passa no computador também... então assim... eu até relato no grupo às vezes, quando eu escuto muitos zumbidos. (Vitória)

Tenho sensações, eu tenho sonhos premonitórios... então eu sonho com coisas que vão acontecer né [...] A minha mãe teve um acidente de carro a um tempo atrás, e eu sonhei com o acidente dela, sonhei uns meses atrás antes do acidente [...] porque nessas minhas experiências muitas vezes eu tenho que é comigo mesma sabe... com essa voz que vem dentro da minha cabeça sabe, e que fica criando coisas, e eu fico numa luta interna para não deixar isso tomar conta de mim. (Lua)

Eu sofri violência obstétrica também para eu ganhar esse filho né, fui muito xingada, humilhada [...] Só que como é uma voz, vem que tu não, acho que infelizmente, tu não acredita né... porque vem, te avisa e tu não faz nada, porque eu poderia ter, tinha convênio médico eu poderia ter o meu parto com assistente, e eu preferi fazer pelo SUS porque o médico que me acompanhava eu trabalhava com ele, então eu confiava tanto nele [...] Então eu poderia ter mudado isso né, se eu tivesse confiado no que a voz tinha me dito, eu podia ter mudado essa história e não mudei. (Maria)

Nas falas, é visível o conteúdo das vozes relacionada a experiência vivenciada. O entrevistado Tafal menciona que suas vozes davam o comando para que ele se jogasse da ponte, mas que ele conseguiu resistir. O comunicado demonstra relação com a situação de vida dele, pois o mesmo era motorista de transporte coletivo em seu município e sempre passava pela mesma ponte durante o seu percurso diário de trabalho. As vozes surgiram após o afastamento do seu trabalho, do qual ele gostava muito, em razão de uma depressão.

O conteúdo das vozes pode expor como esta pessoa que ouve vozes está vivendo em seu mundo, como um mecanismo de defesa contra a derrota e sentimentos reprimidos, correspondendo a um efeito do mundo social e emocional (Baker, 2019). Os afetos são inibidos como uma operação psíquica de repressão, como uma censura destas informações e sentimentos que possuem um conteúdo desagradável ou inoportuno que são gerados pela representação do trauma. Estes conteúdos tornam-se latentes no pré-consciente de forma momentânea. Porém, os conteúdos latentes modificam-se e voltam a se manifestar no consciente. Após esse processo, age o recalque que busca enviar estas informações tensionadas de volta para o inconsciente (Freud, 1914-1916).

Do mesmo modo, com o entrevistado Denis, que relatou os conflitos familiares existentes com a sua mãe e que diariamente ouvia vozes que embora não conseguisse compreender a mensagem, o gênero e a tonalidade eram semelhantes a voz de sua mãe, causando angústia e ansiedade. Este fato pode ocorrer devido a condição em que o trauma se desenvolve, no reviver a situação experienciada e em um segundo momento, trazer alguns elementos, mesmo apresentados de formas distintas, que fazem relação com o que foi vivido no passado (Fulgencio, 2004).

Conforme Couto e Kantorski (2018), o conteúdo das vozes são preditores das reações emocionais que os ouvintes apresentam diante das situações e acontecimentos de vida que ainda não foram bem elaborados.

Nas entrevistas da Frida e Lua, o que lhes soou como aviso, ainda não tinha acontecido. Mostra que nem toda a experiência da audição de vozes está relacionada a um trauma que a anteceda. Para Bender et al. (2018), algumas pessoas podem ter um 'dom espiritual' e conviver com as vozes, mesmo que seja um desafio cotidiano, mas que não as impede de

viver como qualquer pessoa.

Compreender o conteúdo das vozes como uma comunicação ligada com a espiritualidade contribui na construção de estratégia de enfrentamento/lida fora de uma explicação clínica, o que tende a produzir na/o ouvidora/ouvissor maior controle, conforto e redução de sofrimento em decorrência da experiência, bem como maior aceitação social, uma vez que grande parte das religiões sejam elas cristãs, espíritas e de matrizes africanas e indígenas, reconhecem a audição de vozes como um evento natural nos seus cultos e também fora deles, porém cada uma atribui o significado de acordo com seus dogmas (Fernandes; Zanello, 2018).

Um dos benefícios de dar um sentido religioso ao conteúdo das vozes, é a liberação de traumas e mágoas do passado por meio de rituais de perdão e de libertação que ocorrem em algumas religiões. Além disso, o estudo de McCarthy-Jones, Waegeli e Watkins (2013) identificou que o discurso religioso atendeu a necessidade de dar sentido a essa experiência quando nenhum outro discurso o fez. No entanto, sabe-se que nem todas as religiões compreendem as vozes como algo positivo, ligada ao divino, o que pode trazer prejuízos na relação que a ouvidora/ouvissor estabelece com as vozes, inclusive aumentando o risco de danos a si e aos outros.

Contudo, nas religiões que percebem essa experiência como parte da funcionalidade do sujeito, a tendência é acolhê-la com naturalidade, sem que os sujeitos sejam estigmatizados e patologizados, pelo contrário, esses são reconhecidos a partir de identidades positivas dentro de suas comunidades, tais como: xamãs, médiuns, curandeiros, benzedeadas, entre outros (Machado, 2021). Assim, faz-se necessário considerar a influência das religiões e da espiritualidade na promoção da saúde mental dos sujeitos, uma vez que a própria medicina tem reconhecido a melhoria na qualidade de vida (física, mental e espiritual) daqueles que passam por alguma situação de estresse, seja consigo ou com seus familiares (Moreira-Almeida; Cardena, 2011).

Cabe ressaltar que mesmo os conteúdos que expressam os traumas vivenciados, nem sempre consiste em uma experiência negativa, pois o fato de atribuir um sentido, expor os conteúdos pode ser uma forma psíquica de elaboração daquilo que manifestou-se no inconsciente (Freud, 1914-1916). Trata-se da possibilidade de ressignificação subjetiva do vivenciado pelo conteúdo manifesto no caso da audição de vozes (Freud, 1924).

Uma pesquisa realizada em um Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) com 10 participantes com idades compreendidas entre 25 e 54 anos observaram que as vozes afetam estruturas da vida das pessoas, que orienta para a valorização do conteúdo no trabalho terapêutico, podendo haver conexão com os eventos geradores de sofrimento (Fernandes; Zanello, 2020).

Além disso, é importante não minimizar o significado do conteúdo das vozes, a fim de explorar seu sentido e relação com a vida da pessoa que ouve vozes, pois pode colaborar na redução do estresse. Os conteúdos advindos das vozes, podem auxiliar em um processo de autoconhecimento viabilizando estratégias de enfrentamento no cotidiano (Couto, Kantorski, 2020), como denota nas falas de Tafal e Denis.

É possível constatar por meio destes dois tópicos de discussão, e também nas narrativas dos entrevistados, como os traumas e as situações experienciadas pelas pessoas que ouvem vozes demarcaram lembranças dolorosas e significativas na vida de cada pessoa. Lembranças que em grande parte foram espelhadas no desenvolvimento das vozes e no conteúdo expressado pelas mesmas. E por meio destas vozes, refletem e expressam sentimentos e emoções reprimidas nos mais diversos espaços vivenciais, como pode ser evidenciado nos grupos de mútua ajuda virtuais.

Ainda hoje, há um maior quantitativo de estudos que fazem a relação das experiências de vida com a audição de vozes é voltado para o viés biomédico centrado na patologização da experiência, considerando-a como alucinações auditivas e/ou psicose. E desse modo, concentrando-se no desaparecimento das vozes com o uso de psicofármacos (Cardoso *et al.*, 2018). Porém, como descrito nesta pesquisa, alguns participantes nunca utilizaram o serviço de saúde mental, nem medicamentos para

este fim, sendo pertinente a realização de estudos que se detenham em trabalhar com ouvidores(as) não clínicos e que ampliem as perspectivas de análise.

4. Considerações Finais

Este estudo identificou que as vozes ouvidas pelas/os participantes são reflexo de emoções e sentimentos que ficaram latentes. Desse modo, mostra-se necessário a mudança de perspectiva sobre o condicionamento patológico despendido a essa experiência, de maneira a considerar as situações e traumas vivenciados, e proporcionar um enfrentamento positivo na relação com as vozes.

Ressalta-se que esta pesquisa possibilitou aos participantes um lugar de fala dentro da ciência, que constrói saberes e conseqüentemente poder. Um espaço que por séculos tratou as pessoas que ouvem vozes como objeto de estudo/pesquisa e não como sujeito de direito. No entanto, esta pesquisa possibilitou a todas participantes a expressão de suas histórias, a partir dos seus contextos e realidade de vida. Cada biografia demonstrou que não é mais aceitável pensar na audição de vozes, apenas como um sintoma que pode ser mascarado com medicalização.

É possível ressignificar a compreensão sobre a audição de vozes e (re)construir novas práticas de cuidado em saúde mental. A abordagem do Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes é uma prática alternativa de cuidado e também de resistência às velhas práticas psiquiátricas, que ainda circulam em espaços institucionais de saúde.

Constata-se a importância de realizar outros estudos sobre trauma e audição de vozes em populações não capturadas pelo sistema psiquiátrico, uma vez que, este estudo mostrou que muitos ouvidores acabaram por criar estratégias próprias para o enfrentamento de suas vivências, mesmo após o fenômeno da audição de vozes, sem o uso de serviços de saúde mental, a rotulação e estigmatização que está atrelada às pessoas que ouvem vozes.

Referências

- Baker, P. (2019). *A voz interior: um guia prático para e sobre pessoas que ouvem vozes*. UFPA/IFCHQ/PPGP/NUFEN.
- Bender, A. R. M. J., Tavares, D. H., Coradini, D. R., Lopes, I. F., Farias, I. D., Silva, L. D., Ubessi, L. D., & Silveira, P. B. Um desafio cotidiano: aprender a conviver com as vozes. (2018). *J. nurs. health*. 8(n.esp.).
- Brasil (2012). Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. *Ministério da Saúde* – 12/12/2012.
- Brasil (2016). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. A ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União* – 07/04/2016.
- Cardano, M. (2018). O movimento internacional de Vozes: as origens de uma tenaz prática de resistência. *J. nurs. health*. 8(n.esp.).
- Cardoso, C. S., Pereira, V. R., Oliveira, N. A., & Coimbra, V. C. C. (2018). A escuta de vozes na infância: uma revisão integrativa. *J. nurs. health*. 8(n.esp.).
- Corstens, D., & Longden, E. (2013). The origins of voices: links between life history and voice hearing in a survey of 100 cases. *Psychosis*. 5(3), 270-285.
- Couto, M. L. O., & Kantorski, L. P. (2020). Ouvidores de vozes de um serviço de saúde mental: características e estratégias de enfrentamento. *Psicologia & Sociedade*, 32, 1-18.
- Couto, M. L. O., & Kantorski, L. P. (2018). Ouvidores de vozes: uma revisão sobre o sentido e a relação com as vozes. *Psicologia USP*, 29(3), 418-431.
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2020). Escutar (as) Vozes: Da qualificação da experiência à possibilidade de cuidado. *Psic.:Teor e Pesq.*, 36, e3643.
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2018). Para além da alucinação auditiva como sintoma psiquiátrico. *J. nurs. health*. 8(n.esp.).
- Freud, S. (1996). *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III - 1915/1916)*. Imago.
- Freud, S. (1996). *Perda da realidade na neurose e na psicose (1924b)*. Imago.
- Freud, S. (2011). *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Companhia das letras,
- Fulgencio, L. (2004). A noção de trauma de Freud e Winnicott. *Natureza Humana*, 6(2), 255-270.

- INTERVOICE – The International Hearing Voices Network. (2020). *Patsy Hage: Inspiration*. <https://www.intervoiceonline.org/about-intervoice/patsy-hague-inspiration>
- Kantorski, L. P., Machado, R. A., Santos, C. G., Couto, M. L. O., & Ramos, C. I. (2020). Análise de gênero dos conteúdos das vozes que os outros não ouvem. *Psicologia Em Estudo*, 25, e49973.
- Kantorski, L. P., Ramos, C. I., Santos, C. G., Couto, M. L. O., Machado, R. A., & Oliveira, M. M. (2019). Audição de vozes: análise de registros em prontuários de um Centro de Atenção psicossocial. *Revista Uruguaya de Enfermería*, 14(1), 7-18.
- Kantorski, L. P., Cardano, M., Couto, M. L. O., Silva, L. S. S. J., & Santos, C. G. (2018). Situações de vida relacionadas ao aparecimento das vozes: com a palavra os ouvidores de vozes. *J. nurs. Health*, 8(n.esp.).
- Luhrmann, T.M., Alderson-Day, B., Bell, V., Bless, J. J., Corlett, P., Hugdahl, K., Jones, N., Larøi, F., Moseley, P., Padmavati, R., Peters, E., Powers, A. R., & Waters, F. (2019). Beyond Trauma: A Multiple Pathways Approach to Auditory Hallucinations in Clinical and Nonclinical Populations. *Schizophrenia Bulletin*, 45(suppl.1), S24–S31.
- Machado, R. A. (2021). *Mulheres que ouvem vozes: tecendo rede de saberes e experiências acerca da audição de vozes*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.
- McCarthy-Jones, S., Waegeli, A., & Watkins, J. (2013). Spirituality and hearing voices: considering the relation. *Psychosis*, 5(3), 247-258.
- Minayo, M. C. S. (2014). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes.
- Moreira-Almeirda, A., & Cardena, E. (2011). Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 33(suppl. 1), 21-28.
- Nierop, M. V., Lataster, T., Smeets, F., Gunther, N., Zelst, C. V., Graaf, R., Have, M. T., Dorselaer, S. V., Bak, M., Myin-Germeys, I., Viechtbauer, W., Os, J. V., & Winkel, R. V. (2014). Psychopathological mechanisms linking childhood traumatic experiences to risk of psychotic symptoms: Analysis of a large, representative population-based sample. *Schizophrenia Bulletin*, 40(2), 123-130.
- Oliveira, H. M., & Filho, A. B. M. (2014). Sobre as alucinações: o que Freud enxergava nas vozes de Schreber? *Cad. psicanal.*, 36(31), 129-149.
- Perona-Garcelán, S., García-Montes, J. M., Rodríguez-Testal, J. F., López-Jiménez, A. M., Ruiz-Veguilla, M., Ductor-Recuerda, M. J., Benítez-Hernández, M. D., Arias-Velarde, M. A., Gómez-Gómez, M. T., & Pérez-Álvarez, M. (2014). Relationship Between Childhood Trauma, Mindfulness, and Dissociation in Subjects With and Without Hallucination Proneness. *Journal of Trauma and Dissociation*, 15(1), 35-51.
- Romme, M., & Escher, S. (1997). *Na companhia das vozes: para uma análise da experiência de ouvir vozes*. Editorial Estampa.
- Romme, M., Escher, S., Dillon, J., Corstens, D. D., & Morris, M. (2009). *Living with Voices: 50 Stories of Recovery*. PCCS Books.
- Rosen, C., Jones, N., Longden, E., Chase, K. A., Shattell, M., Melbourne, J. K., Keedy, S. K., & Sharma, R. P. (2017). Exploring the intersections of trauma, structural adversity, and psychosis among a primarily african-american sample: a mixed-methods analysis. *Front Psychiatry*, 8, 1-11.
- Souza, T. T., Couto, M. L. O., & Kantorski, L. P. (2018). Uma nova visão acerca da experiência de ouvir vozes, *J. nurs. Health*, 8(n.esp.).
- Yildirim, M. H., Yildirim, E. A., Kaser, M., Guduk, M., Fistikci, N., Cinar, O., & Yuksel, S. (2014). The relationship between adulthood traumatic experiences and psychotic symptoms in female patients with schizophrenia. *Comprehensive Psychiatry*, 55(8), 1847-1854.